

## Os tempos da crise em Tucídides

### The times of the crisis in Thucydides

**Matheus de Paula Silva**  
Mestrando em História Social  
Universidade de São Paulo  
matheus.paula.silva@usp.br

**Recebido em:** 31/01/2020

**Aprovado em:** 19/04/2020

**Resumo:** Neste artigo é analisado o conceito de crise na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. O foco reside em mostrar como o historiador grego, ao relatar a guerra, desenha um quadro de crise, o qual se sustenta através de experiências retiradas de diferentes dimensões temporais (passado, presente e futuro). Em primeiro lugar, a guerra é crítica porque não pode ser comparada com eventos similares na história grega (passado). Em seguida, os fenômenos sociais e naturais desestabilizam toda a ordem social concebida (presente). Por fim, a quebra de expectativa em relação à morte e à constância da natureza humana solapam os modos de experiência (futuro). Em cada uma dessas partes, uma ideia na língua grega ligada ao conceito de crise é analisada, buscando complexificar a caracterização desse fenômeno na obra de Tucídides.

**Palavras-chave:** Crise; Tucídides; tempo.

**Abstract:** In this article, the concept of crisis in the *History of the Peloponnesian War* of Thucydides is analyzed. The focus is on showing how the Greek historian, when reporting the war, draws a picture of crisis, which is sustained through experiences taken from different temporal dimensions (past, present and future). First, war is critical because it cannot be compared to similar events in Greek history (past). Then, social and natural phenomena destabilize the entire conceived social order (present). Finally, the break of expectation regarding death and the constancy of human nature undermine the modes of experience (future). In each of these parts, an idea in the Greek language linked to the concept of crisis is analyzed, seeking to complex the characterization of this phenomenon in the work of Thucydides.

**Keywords:** Crisis; Thucydides; time.

#### Introdução

O conceito de crise, tal como utilizado hoje, é diferente da palavra grega que lhe deu origem, κρίσις. A tentativa de compreensão do conceito de crise na obra de Tucídides passa primeiro pela diferenciação dessa palavra do conceito. Esse esclarecimento é necessário pelo fato da busca de tempos da crise no livro *História da Guerra do Peloponeso*<sup>1</sup> não se reduzir ao aparecimento da palavra

---

<sup>1</sup> Os textos gregos não tinham títulos, o texto foi chamado assim pela primeira vez por Cícero, ver comentário de Charles Morris em: <https://goo.gl/izWmWb> Acesso em: Out/2017

grega no texto, ampliando-se para a investigação de ideias, julgamentos e conceitos que juntos permitirão o entendimento da temporalização da crise.

De acordo com o *Greek-English Lexicon* (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 996), a palavra *κρίσις* deriva do verbo *κρίνω*. Ela significa, em primeiro lugar, “separar, distinguir” e, em segundo lugar, “decidir, julgar”. Na época grega, segundo Reinhart Koselleck, o uso decompunha-se em duas esferas. No campo jurídico-político, predominava a ideia de tomar decisões e julgar, enquanto que no campo médico, descrevia o momento culminante de uma doença, na qual o enfermo melhora ou morre (KOSELLECK, 2006, p. 358-65).

Na obra de Tucídides, a palavra *κρίσις* aparece nove vezes (I, 23, 34, 77, 131; II, 53; III, 53; IV, 108; VI, 60, 61)<sup>2</sup>, duas vezes em sua forma verbal e as outras sete em sua forma substantivada. Todas as aparições referem-se ao uso encontrado no campo jurídico/político, podendo ser traduzidas através da ideia de “julgar” ou “decidir”. A primeira aparição, no capítulo 23, é um bom exemplo para demonstrar o uso da palavra *κρίσις*: “Das ações antigas a maior foi a guerra médica; essa, contudo, com duas batalhas no mar e na terra, teve uma decisão [*κρίσιν*] rápida” (Th, I, 23.1)<sup>3</sup>. Traduzida como “decisão”, a palavra aponta um desfecho, no caso o resultado que rapidamente pôs fim às Guerras Médicas.

O conceito moderno de crise manteve resquícios de seu significado grego. De acordo com Koselleck, ao ser traduzido para línguas nacionais, “adquire uma dimensão histórica que continuou a advir de seus restos originais e teológicos” (2006, p. 363) [Tradução nossa]<sup>4</sup>. As permanências são duas: no âmbito político deriva a ideia de decisão entre futuros mutuamente diferentes; no âmbito médico deriva a ideia de um ponto culminante de uma doença, no qual haverá uma mudança decisiva. A partir desse esclarecimento, a crise será pensada aqui como “as fases de transição, mas potencialmente disruptivas nesta geralmente progressiva temporalização da história” (RÜFIGER GRAF, 2017) [Tradução nossa]<sup>5</sup>, como formulado por Konrad H. Janaush Rüfiger Graf.

---

<sup>2</sup> Randolph Starn cita somente 6 aparições (STARN, 1971, p. 4)

<sup>3</sup> Para aumentar a fluidez do texto, os trechos de Tucídides são citados em sua tradução para o português. Convencionalmente, a tradução realizada por Anna Lia Amaral de Almeida Prado foi usada para todas as vezes que for citado o livro I, pois sua tradução é a mais próxima do original grego, já que opta pela tradução de acordo com os sintagmas e a ordem das palavras. Em relação aos outros livros, uma vez que Prado só traduziu o primeiro, foi utilizada a tradução de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr que se utilizam de perífrases. Sempre quando necessário recorrer-se-á a outras traduções consultadas, como a francesa de Jacqueline de Romilly e inglesa de Thomas Hobbes.

<sup>4</sup> No original: “it acquires a historical dimension that continued to down upon its original and theological remains”

<sup>5</sup> No original: “the transitional but potentially disruptive phases in this generally progressive temporalization of history”

A partir deste ponto, então, a análise do texto de Tucídides será feita considerando as nuances do conceito de crise, assinaladas acima, buscando complexificá-lo e dar sentido ao que Rüfiger Graf chamou de “temporalização da história”. Em primeiro lugar, a palavra *κρίσις* será analisada considerando o seu papel no olhar retrospectivo de Tucídides e como ela relaciona-se com a palavra *κίνησις*. Em seguida, os fenômenos naturais e sociais enumerados por Tucídides são trabalhados para compreender a instabilidade do presente e como eles quebram as expectativas em relação ao futuro, como apontam as palavras *στάσις* e *νεώτερος*. Por fim, as definições de Starn e Koselleck de crise são trazidas para balizar as razões pelas quais é possível afirmar que na obra de Tucídides há um conceito de crise.

### Tucídides olha para o passado

Tucídides escreveu sua narrativa da guerra do Peloponeso, da qual ele foi um participante (GRUNDY, 1948, p. 14-51), elegendo como tema “a guerra entre Peloponésios e Atenienses e a forma como lutaram uns com os outros” (Th, I, 1.1). Ao longo da exposição desse tema, ele busca provar a tese de que a guerra entre Peloponésios e Atenienses foi maior de todas as guerras entre os helenos. O tema e a tese são anunciados no primeiro capítulo da *História da Guerra do Peloponeso*. Esse trecho é rico para análise aqui empreendida, pois através da atenção às palavras e aos modos temporais empregados na língua grega, identifica-se a mobilização do tempo para dar concretude a ideia de crise:

Tucídides de Atenas escreveu [ξυνέγραψε] a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram [ἐπολέμησαν] uns contra os outros. Começou [ἀρχάμενος] a narração logo a partir da eclosão [καθισταμένου] da guerra, tendo prognosticado [ἐλπίζας] que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas, porque verificava [τεκμαιρόμενος] que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do mundo helênico enfileirando-se de um e de outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto. **2.** Esta comoção [κίνησις] foi a maior para todos os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se dizer, atingiu a maior parte da humanidade (Th, I, 1.1-2)

Nesse trecho, Tucídides vale-se de três tempos verbais gregos diferentes criando três camadas de significado para a guerra, aqui as três camadas de temporalização. Ao empregar o aoristo no seu modo indicativo, o historiador lança um passado eventual, isto é, aquele que começa e termina no passado. A guerra desenrola-se sobre certas bases que já não podem ser modificadas. Ao empregar o futuro, Tucídides tenta prognosticar e diagnosticar as consequências da guerra, uma função necessária para temporalização, pois são marcas deixadas pelo conflito que determinam sua

grandeza e devastação. O uso do perfeito expressa ao mesmo tempo o passado e o presente, já que uso desse tempo verbal sugere um evento do passado que ainda tem consequências no presente, modificando-o (RAGON, 2012, p. 209-214). Portanto, no primeiro parágrafo do livro, Tucídides cita processos e eventos, criando uma relação temporal entre eles, partindo do passado, passando pelo presente (do autor) e vendo as possibilidades de modificação do futuro.

Em relação ao conteúdo, Tucídides justifica a razão pela qual a guerra do Peloponeso é digna de ser relatada: ela foi a maior de todos os tempos. Ela é caracterizada por dois elementos distintivos. O primeiro é o fato dos recursos de cada uma das partes estar em seu auge, nesse caso, a situação é parecida com a do paciente que chega em seu momento culminante, no qual não restam mais do que duas opções. Essa distinção significa que a deflagração foi em parte derivada do auge dos recursos, que não permitiam mais a convivência entre atenienses e espartanos, alcançando um momento de inflexão a respeito do futuro, pois ambos tinham projetos díspares, senão contrários para a Hélade. O segundo é a dimensão humana e espacial do evento, que enfileirou em cada um dos lados a maior parte da humanidade. Tendo em vista o conhecimento geográfico grego, a guerra resultaria em um mundo inteiro em crise, levando consigo um grande número de homens. Há a mobilização tanto de elementos espaciais quanto temporais para avaliar o estado da guerra e sua grandeza.

Tratando da subseção dois desse primeiro capítulo, a palavra *κίνησις* contribui para a hipótese que a guerra do Peloponeso para Tucídides constitui uma crise. Segundo Charles Morris (1891, on-line), o seu uso indica “distúrbio político profundo” ou para Simon Hornblower (2003, p. 3-4), “uma convulsão”. Seu sentido original em grego, segundo o *Lexicon* (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 952), é o de movimento, derivado do verbo *κινέω*, que significa “colocar em movimento”, “mover”. O mais importante, porém, é seu uso dentro da sintaxe do texto, onde é utilizada para retomar o que foi dito no período anterior, resumindo-o. Isso resulta que para Tucídides a guerra do Peloponeso é um movimento que teve profundo impacto (“convulsão”), mas também levou de um ponto X a um ponto Y, passando por um ponto de virada que é a guerra (“distúrbio político profundo”). Provavelmente, foi pensando nessa ideia, que Jacqueline de Romilly (1953, p. 1), na edição francesa, optou por traduzir o termo como “crise”.

A tese de Tucídides de que a guerra do Peloponeso foi maior de todas as guerras será comprovada nos outros sete livros, como afirma Grundy, “seu método era indutivo. Ele citava

fatos e derivava conclusões deles" (1948, p. 4) [Tradução nossa]<sup>6</sup>. Em especial, a comprovação dessa tese específica será realizada nos capítulos do livro correspondentes à seção chamada "Arqueologia" (Th. I, 2-19). Nela, Tucídides retoma o passado para argumentar que nenhuma guerra, nem a Guerra de Troia ou as Guerras Médicas, foi igual em proporção. O pensamento de Tucídides, nessa parte, vê a história grega através de uma progressão: a saída de um estado de barbárie para um estágio mais avançado de desenvolvimento. Essa evolução é um elemento integrante da crise, pois somente com a riqueza atingida, a guerra pode tomar as proporções que tomou. O capítulo 23 enuncia as diferenças entre a guerra do Peloponeso e outros conflitos e enumera os fatores que a tornam extraordinária.

Das ações antigas a maior foi a guerra médica; essa, contudo, com duas batalhas no mar e na terra, teve uma decisão [*κρίσιν*] rápida. Essa guerra [do Peloponeso], porém, prolongou-se muito e acarretou para a Hélade, no seu decorrer, provocações como não houve em outras em tempo igual. 2. Jamais tantas cidades foram capturas e devastadas, umas por bárbaros, outras pelos próprios povos que estavam em luta (algumas houve que, capturadas, trocaram os habitantes), nem tantos exílios e mortes, devidos quer à própria guerra, quer revoltas internas. Também o que por conta da tradição se dizia, não pareceu inverossímil: terremotos que, ao mesmo tempo, atingiram grande extensão de terra e foram os mais fortes; eclipses de sol em relação ao que se lembra de tempos antigos ocorreram com maior frequência; grandes secas em certas regiões e, em consequência delas, fome ainda o que foi causa considerável e, em parte, de destruição, a epidemia da peste. Tudo isso, de fato, se acumulou junto com esta guerra (Th. I, 23.1-3)

O trecho permite um avanço na análise: compreensão de como, através de fenômenos históricos, Tucídides concretiza a ideia de crise. O uso de *κρίσις* junto com a palavra rapidez é um indicador temporal preciso do caráter da crise. Para sua compreensão, é preciso perceber a comparação realizada por Tucídides no trecho. Se por um lado, nas Guerras Médicas, a resolução do conflito foi rápida, em contraste, a resolução da guerra do Peloponeso foi demorada, consequentemente maior e mais danosa. Por que a demora e não a rapidez é a característica da crise para Tucídides? Pelo fato de quanto maior extensão temporal e espacial, mais recursos humanos são colocados em jogo, resultando na intensificação dos fenômenos enumerados. A guerra do Peloponeso não é *κρίσις* (decisão), mas *κίνησις* (movimento), em ambos os casos assinalando uma virada, no primeiro rápida e no segundo lenta.

A parte seguinte do capítulo (23.2) é finalizada com a incomensurabilidade da guerra, que através da crise, revela-se um evento inédito. Todos os fenômenos enunciados já haviam

---

<sup>6</sup> No original: "his method was inductive. He cited facts and the derived conclusions from them"

acontecidos em momentos do passado (como visto I,1, Tucídides os prognostica), mas agora eles adquirem dimensões extraordinárias e marcam o período igualmente de modo inédito. A base da experiência é retirada totalmente do passado, sob a qual o presente é avaliado. Nessa parte do capítulo ainda, Tucídides enumera os fenômenos singulares da guerra do Peloponeso, através de duas grandes categorias na enumeração, as sociais e as naturais. De um lado, as capturas e devastações das cidades, as revoltas e a peste. De outro lado, os terremotos, eclipses e secas. A união desses fatores intensifica a crise.

A partir daí, começa propriamente o relato dessa guerra, desde do incidente em Corcira à intervenção dos persas, sendo ao longo dessas páginas que Tucídides tenta demonstrar mais uma tese "que os atenienses, tornando-se poderosos, inspiraram temor aos lacedemônios e os forçaram a lutar", sendo esta "a causa mais verdadeira" da guerra (Th., I, 23.6). Nas duas partes seguintes desse artigo, serão analisadas essas duas categorias de fenômenos, os naturais e os sociais, entendendo como eles marcam o presente, mas igualmente o futuro.

#### **Fenômenos naturais: índices da experiência do tempo e agravantes da crise**

Tucídides, para escrever sua história, teve que definir um sistema próprio de marcas temporais, pois para estabelecer paralelos entre os diferentes eventos que aconteciam em diferentes lugares, não poderia confiar nem nas listas dos arcontes e nem nos anos lunares, que eram diferentes entre Espartanos e Atenienses. Constrói, para suprir essa falta, seu próprio sistema, em que "os períodos devem ser contados pelas estações do ano e não de acordo com a sucessão ou dos arcontes ou dos cargos honoríficos[...]" (Th., V, 20.2). Tal contagem permite uma estabilidade e regularidade no livro de Tucídides, sob a qual se assentam os eventos da guerra. No entanto, essa construção temporal mostra a diferença entre o tempo do historiador, que tem uma determinada formalidade e artificialidade, e o tempo vivido, que se liga aos ciclos da natureza e a ocorrência de determinados fenômenos.<sup>7</sup>

Dessa maneira, diferencia-se essas duas atitudes diante do tempo: a formal (dividida entre verões e invernos) e a vivida. A última atitude toma forma e conteúdo através dos fenômenos naturais, que são os índices da experiência temporal vivida e a manifestação e intensificação da crise. A primeira referência, vista no capítulo 23, já permite indagações quanto a esse ponto. Lá, os terremotos foram os "mais fortes" e os eclipses mais frequentes, ou seja, em relação à experiência

---

<sup>7</sup> A respeito disso, ver STARN, 1971.

sobre esses fenômenos em períodos anteriores da história grega, a intensidade inédita revela-se como um fator de modificação do tempo. Essa nova vivência do tempo pode ser caracterizada como uma aceleração, pois em momentos anteriores esses eventos naturais aconteciam com determinada regularidade, e no presente de Tucídides, acontecem em períodos mais curtos de tempo, o que resultaria na qualificação do aumento da velocidade das ocorrências.

Ao longo do livro, os eclipses aparecem três vezes e os terremotos oito vezes, além da presença constante da fome e a erupção do vulcão Etna, não citada na enumeração do capítulo 23 (HORNBLLOWER, 2003, p. 62; GRUNDY, 1948, p. 429-31). Suas aparições qualificam, então, os eventos, dando ao tempo suas qualidades, sob qual a pessoa, como Tucídides, percebe um ritmo diferente, que não pode ser analisado através de verões e invernos.

Sem aprofundar na grande discussão sobre o pensamento mítico em Tucídides, que se oporia a um pensamento racional (ROSADO; GRANWEHR, 2010, p. 25-26), esses fenômenos naturais, a partir do que foi apontado, qualificam a crise e a guerra. Desse modo, eles figuram ao lado dos fatores propriamente sociais da guerra, independentemente de seu acontecimento ter sido uma coincidência ou não. Eles são dispositivos retóricos, uma vez que sua presença tem o efeito de caracterizar a guerra como um momento de destruição e sofrimento. Sua aparição como fenômenos da experimentação do tempo faz com que se tornem intensificadores da crise, na medida que tem reverberações no mundo social.

Dois excertos são particularmente interessantes nessa direção. O primeiro é o capítulo 77 do livro III, sobre a catástrofe na Sicília. Esse trecho salienta como os terremotos são agravadores da crise. O capítulo é dedicado a analisar “a peste” e o sofrimento causado por ela, mas no final do capítulo, Tucídides descreve um terremoto, que aparece para intensificar aquele estado de calamidade. Os tremores de terra são descritos da seguinte forma: “se sucederam muitos tremores de terra em Atenas, na Eubeia e na Beócia, sobretudo em Orcómeno da Beócia”. A intensidade é ampliada igualmente através da enumeração das cidades, reforçando a ideia de que a crise em Tucídides se manifesta temporalmente e espacialmente. Ao serem colocados no final do capítulo, os terremotos deixam de ser somente um fenômeno natural, manifestando-se como fenômenos sociais também.

Se se acrescentar o terremoto do livro VIII, capítulo 41, caracterizado como “o maior de todos os que se lembrava”, as suas consequências sociais são novamente confirmadas, uma vez que foi o seu acontecimento que possibilitou o saque da cidade de Cós. O fenômeno não é contido nas

suas manifestações naturais, tendo que Tucídides observa os efeitos na sociedade, que rompem com uma situação planejada e permitem a invasão da cidade. Destarte, a discussão sobre a enumeração mítica é desnecessária a essa análise, pois Tucídides traz tais fenômenos quando eles têm reverberações sociais que agravam a crise e marcam a experiência temporal. Os terremotos acabam com determinada estabilidade, já que sua ocorrência desestabiliza a experiência, vinculada às colheitas, por exemplo, processos reguladores do tempo até a Idade Moderna.

### **Fenômenos sociais: fim da ordem e abertura para o futuro**

Neste segundo ponto, dois tópicos são tratados, a praga em Atenas e a *στάσις* em Corcira. A peste em Atenas é um dos momentos altos da obra de Tucídides, sobretudo por destacar-se do conjunto da obra, que é dedicada à história política/militar, nos termos de Momigliano (2004). Para muitos intérpretes, Tucídides mostra-se um pensador preciso ao descrever os sintomas da peste, evitando a atribuição dela a uma origem divina. Por isso, não se deixa de associar a descrição do historiador grego à escola hipocrática, que contemporaneamente tinham desenvolvido uma análise de doenças. Assim, fala-se da influência do pensamento hipocrático na análise de Tucídides, sobretudo pelo uso do vocabulário comum, como *πρόφασις* (causa) e *κρίσις*. Tal vocabulário é visto em outras passagens, como no parágrafo 23, já analisado, parecendo que de certo modo Tucídides aplica o estudo da *πρόφασις* à guerra do Peloponeso, como se essa fosse uma doença, e que, portanto, culminaria em *κρίσις* (FINLEY, 1942, p. 60-70).

Quanto à narrativa de Tucídides sobre a peste, existem duas partes bem definidas sobre o fenômeno, a primeira dedicada a descrição dos sintomas da doença, com a qual o próprio Tucídides foi contaminado, e a segunda volta-se para o trabalho com os efeitos morais e sociais da peste dentro sociedade ateniense. Essa segunda parte será analisada aqui.

No *Essais sur l'histoire de la mort en Occident*, Philippe Ariès (2004) procura, através de investidas sobre a mentalidade, constatar que é possível através de generalizações encontrar atitudes mais ou menos padrões diante da morte e somente em casos específicos estas podem sofrer grandes alterações. A peste em Atenas é um destes momentos, onde a ritualidade em torno da morte é perdida, como assevera Tucídides, “todos os costumes que observavam antes no que dizia respeito a funerais foram lançados em confusão uma vez que enterravam os mortos como cada um podia” (Th., II, 52.4). A praga afetou as atitudes diante da morte e atingiu as expectativas em relação ao futuro, pois uma realidade, na maioria das vezes considerada distante, é deslocada para o presente próximo. Não há mais sentido em seguir ou tentar seguir os ritmos da vida anterior, dado

que a projeção quanto ao futuro é encurtada rapidamente, isto é, acelerada. É isso que dirá Tucídides no capítulo seguinte:

Noutros aspectos, a peste introduziu na cidade um desrespeito total pela lei. Na verdade, todos se tornaram mais descarados naquilo que antes faziam às escondidas não para seu prazer, quando viram a mudança repentina na sorte dos que eram ricos e morriam de repente, enquanto quem primeiro nada possuía num momento ficava com os bens dos outros (Th., II, 53.1.2).

Essas atitudes inéditas diante da morte, de modo parecido de quando se analisou os terremotos, produzem duas atitudes estranhas dentro da estabilidade da sociedade: aumentam os roubos e o tornam banal o desrespeito tanto das leis dos deuses quanto das dos homens. Esses dois crimes se alimentam mutuamente, pois ao não se punir os que roubam, desacredita-se ainda mais as leis divinas, pois esperava-se dos deuses a punição aos impiedosos. Desse modo, a instabilidade predomina sobre a estabilidade, porque a praga destruiu o bem mais precioso do mundo: o tempo. Acompanhando Adam Parry (1981, p. 101 e p. 173) [Tradução nossa], a peste em Atenas aponta o potencial da linguagem de Tucídides e suas atitudes em relação ao presente e ao futuro, resultando em um "senso de transitoriedade do que parece mais permanente[...]”, percebido através do "símbolo de todo o poder destrutivo e incalculável da atualidade”<sup>8</sup>.

Um dos pontos culminantes da narrativa, como indicado por muitos comentadores, é momento das mudanças causadas pela guerra civil (στάσις) em Corcira, mas que logo atingira todo o mundo grego. Aqui surge uma outra palavra no original grego, στάσις, que dá o tom das afirmações e as consequências que se seguem. Segundo o *Lexicon* (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 1634), στάσις tem dois grandes significados, o primeiro é o de “placing”, no sentido físico, como em erigir uma estátua; o segundo seria de “standing”, da qual se deriva um grande número de significados, tanto morais quanto físicos. Interessa aqui somente dois desses significados: o de partido e o de conspiração, que são os ligados ao trecho analisado a seguir. A utilização dessa mesma palavra para os dois referidos significados indica que se agrupar era considerado perigoso, como escreveu Moshe Berent. A palavra στάσις era considerada um dos “grandes males”, ao ir diretamente contra todos os padrões morais e sociais (BERENT, 1998). Assim, Tucídides, ao utilizar στάσις, procura evocar um tipo de mudança que não pode ser traduzida facilmente para

---

<sup>8</sup> No original: “sense of the transitoriness of what seems most permanent[...]” e “the symbol of all the destructive and incalculable power of actuality”

uma língua moderna, por isso vê-se “comoção” em Hobbes, “guerra civil” em Romilly e “revolução” em Rosado e Granwehr.

Foi este nível de crueldade que a revolução [στάσις] atingiu, o qual ainda pareceu mais grave por ser a primeira das que ocorreram, visto que nos tempos que se seguiram, por assim dizer, se estendeu [ἐκινήθη] a todo o mundo helênico[...] E quando em tempo de paz não haveria razão nem disposição para pedir a sua intervenção [dos Espartanos ou Atenenses] [...] Muitos foram os sofrimentos que devido às revoluções caíram sobre as cidades, os que sempre aconteceram e sempre acontecerão, enquanto a natureza do homem continuar a ser a mesma, podendo contudo ser pior ou mais suave e variada nas suas manifestações, conforme sucederem em cada caso variações de circunstâncias (Th., III, 82.1-2).

Nota-se, já no início, dois elementos que já foram analisados em trechos anteriores e que voltam, reforçando a ideia de crise. A primeira delas é a presença do fator espacial, uma vez que a crise não se contém à Corcira, mas estende-se por todo mundo helênico. A segunda é a reaparição da palavra κίνησις, nesse caso em sua forma aoristo passiva, que “tendeu a agravar o fenômeno produzindo uma notável *kinesis* (“movimento”, “distúrbio”, “convulsão”)”, segundo o comentário de Hornblower (2003, p. 447) [Tradução nossa]. Mais uma vez, a κίνησις abaliza a passagem de um espaço para outro, ou de um momento para outro, cujo o ponto de viragem é a στάσις em Corcira.

O passado é invocado como estabilidade, “em tempo de paz”, na tentativa de reforçar que o presente atingiu níveis de violência antes nunca vistos. Tal transformação foi possível por uma razão: a guerra, que é *didaskalos Bebaios* (um mestre violento). Suas lições, por sua vez, criaram o sofrimento e o ódio, em níveis anteriormente não observados. Rompe-se, assim, com a estabilidade, pois cria-se o ódio entre facções (στάσις) e que por sua vez cria a oportunidade para a revolução (στάσις). O estado de crise é tamanho que mesmo as palavras não ficam intactas, seus conteúdos semânticos alteram-se e passam a fazer parte das disputas entre as facções (στάσις): as palavras adquirem até mesmo seu sentido contrário. Desse modo, “foi assim que toda espécie de iniquidade se implantou devido ao tumulto revolucionário no mundo helênico. O que era comportamento civilizado, do qual fazia parte algum sentido nobre, era objeto de troca e desapareceu, enquanto a sociedade ficava dividida entre si em toda e qualquer opinião, sem que confiassem em ninguém” (Th., III, 83.1).

Apesar do caráter único do evento, Tucídides aponta para possibilidade de compartilhamento daquele tipo de experiência por mais de uma geração, pois a “natureza humana”

---

<sup>9</sup> No original: “tended to aggravate the phenomenon producing a notable *kinesis* (“movement”, “disturbance”, “convulsion”)”

baliza a configuração dos eventos, e, portanto, a semelhança de uns com os outros. Esse trecho retoma e continua a primeira vez que Tucídides fala sobre a natureza humana (I, 82), quando aborda a repetitividade da história. Muitas vezes, esses dois trechos são citados como a prova do caráter cíclico do tempo em Tucídides (por exemplo: FINLEY, 1942, p.107). Entretanto, junto com Momigliano (1983; 2004), Finley (1974) e Prado (1999), para citar alguns, tal abordagem não indica esse tipo de entendimento. Tucídides dá ênfase para as semelhanças dos eventos devido à natureza humana e não a repetição de eventos, como se esperaria. Isso contribui para a análise ao assinalar o caráter linear da história tucidideana, que concerne o passado (onde ele identifica um progresso), o presente (que mostra a crise) e um futuro (encurtado e imprevisível).

Devido ao que se vê no presente, isto é, uma instabilidade total das instituições consideradas essenciais para um grego do século V a.C., Tucídides sinaliza para um futuro aberto, em suas palavras, “uma guerra que avançava rápida e de resultados imprevisíveis” (Th., IV, 55.1). Nesse trecho, em particular, Tucídides trata da luta entre os Atenienses e Espartanos pela ilha de Citera. Na sua descrição, fica evidente o medo que a invasão da ilha produzisse uma revolução (νεώτερος), e, portanto, tornasse impossível a predição de qualquer efeito da guerra. Mas, nesse caso, a tradução de Thomas Hobbes é mais adequada, já que ao traduzir νεώτερος por “inovação”, conserva a ideia que vem de substantivo νέος (novo) e diferencia da palavra στάσις. Ao final, a respeito do planejamento da guerra, Tucídides acrescenta: “em pouco tempo muitas alterações da sorte tinham nos afetado sem qualquer razão” (Th., IV 55.3). Assim, a guerra abre as portas para a produção da novidade e faz o instável presente mais difícil de planejar. O futuro é uma dimensão turva e conturbada por causa das mudanças no presente.

O tratamento dessas duas esferas da crise, a social e a natural, revelou como Tucídides estabelece a confluência de eventos que demonstram um “tempo trágico”, no qual as expectativas quanto ao futuro são drasticamente diminuídas. No entanto, ao unir essas duas esferas, conforme Parry, “ele também remove deliberadamente toda demarcação entre destruição política e natural” e nesse sentido “que os eventos humanos podem alcançar um pico de significado que os divide em um nível com ações cósmicas”, e, então, “ele é capaz de comunicar todo o significado do tempo trágico testemunhado” (1981, p. 106-107) [Tradução nossa].<sup>10</sup> Por isso o tratamento conjunto

---

<sup>10</sup>No original: “he also deliberately removes all demarcation between political and natural destruction”; “sense that human events can reach a pitch of meaning that parts them on a level with cosmic actions” e “he is able to communicate the full significance of the tragic time witnessed”

dessas duas esferas é necessário, não podendo entendê-las somente como resquícios de um plausível pensamento mítico na obra de Tucídides.

### Considerações finais

Nesse trabalho foi analisado o conceito de crise para Tucídides em sua *História da Guerra do Peloponeso*, tendo em vista a dimensão temporal. Foram trabalhados os conceitos e ideias que indicassem essa crise, que se diferencia em muitas de suas características da palavra grega κρίσις. Avançou-se, então, em relação às palavras κίνησις, στάσις e νεώτερος, envolvidas dentro diferentes campos semânticos.

O conceito de crise está intimamente ligado à dimensão temporal. Tucídides analisa em primeiro lugar a estabilidade e o progresso, expostos em toda a seção “Arqueologia”. Nesse momento da obra, são criados os parâmetros que permitem que Tucídides defenda a tese que a guerra do Peloponeso é a maior, e, portanto, a que teve maior impacto. Ainda na “Arqueologia”, a guerra é mostrada como o presente do autor e o momento em que se concretiza a crise.

Em seguida, os fenômenos sociais e naturais enumerados para caracterizar a excepcionalidade da guerra do Peloponeso são uma quebra com o passado, isto é, a experiência anterior, pois são acontecimentos inéditos tanto em características quanto em intensidade. Eles desestabilizam e aceleram a experiência do tempo no presente. Por fim, a perspectiva de futuro é mudada, porque o porvir não pode ser prognosticado. A peste em Atenas traz a ideia de morte para o presente, solapando ainda mais essa dimensão. Além disso, στάσις denota a impossibilidade de planejar o futuro, agora aberto, no qual a ideia de νεώτερος marca a perspectiva de mudanças radicais.

A partir da constatação de diferentes tempos da crise em Tucídides, é possível pensar sobre a teorização que Randolph Starn e Reinhart Koselleck fazem em seus trabalhos. Segundo eles, a crise é marcada por uma série de características que permitem chamar determinado fenômeno de crise e outros não. Primeiro, pressupõe um período anterior de estabilidade, no qual a pessoa procurará a experiência e a estabilidade do sistema. Em seguida, tem-se o presente, que é visto como um ponto culminante e “um processo de aceleração singular [...] em que o sistema pode se desfazer” [Tradução nossa]<sup>11</sup>. Tal aceleração é trazida através de uma disparidade entre o “tempo

---

<sup>11</sup>No original: “a singular accelerating process [...] in which may the system apart”

do historiador”, derivado “das regularidades do tempo do calendário e tempo do relógio”<sup>12</sup>, e uma “verdadeira experiência histórica”, em que “se houvesse crises, os intervalos de tempo seriam desiguais em valor e efeito” (STARN, 1971, p. 5) [Tradução nossa].<sup>13</sup> Por fim, tem-se o futuro composto de opções mutuamente contraditórias, que não permitirão prognósticos claros. Em resumo, crise é um período crítico que traz um “futuro desconhecido em que as condições não podem ser suficientemente elucidadas” (KOSELLECK, 2002, p. 236) [Tradução nossa].<sup>14</sup> Desse modo, a caracterização que Tucídides faz da guerra do Peloponeso, mobilizando passado, presente e futuro, pode ser entendida como um momento de crise. (Ver a bela caracterização de HARTOG, 2003, p. 60)

Definido dessa forma, o conceito de crise aponta incontestavelmente para uma dimensão temporal, da qual ele não pode ser dissociado. Em torno dele estão o passado – estabilidade, o presente – aceleração – e o futuro – incerteza. De acordo com Koselleck (2002, p. 239):

"Crise" torna-se um conceito histórico-filosófico fundamental com base no qual é feita a alegação de que todo o curso da história pode ser interpretado a partir do diagnóstico do tempo. Desde então, é sempre o tempo particular de cada um que é experienciado como crise. E a reflexão sobre a situação temporal particular dispõe a pessoa a um conhecimento de todo o passado e a um prognóstico do futuro [Tradução nossa].<sup>15</sup>

#### Referências bibliográficas :

- ARIÈS, Philippe. **Essais sur l'histoire de la mort en Occident**. Paris: Seuil, 2014
- BERENT, Moshe. Stasis, or the Greek invention of politics. **History of Political Thought**. v. 19, n. 3, p.331-362, autumn 1998.
- RAGON, Éloi. **Gramática Grega**. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012.
- FINLEY, John H. **Thucydides**. Cambridge: Harvard University Press, 1942.
- FINLEY, Moses I. Introduction. *In*: THUCYDIDES. **History of the Peloponnesian War**. Translated by Rex Warner and Notes by Moses I. Finley. [s.l]: Penguin Books, 1974. *E-book*
- GRUNDY, George Beardoe. **Thucydides and history of his age**. Oxford: Basil Blackwell, 1948.

---

<sup>12</sup> No original: “from regularities of calendar time and clock time”

<sup>13</sup> No original: “if there were crises, the intervals of time were unequal in value and effect”

<sup>14</sup> No original: “unknown future whose conditions cannot be sufficiently elucidated”

<sup>15</sup> No original: ““Crisis” becomes a fundamental historico-philosophical concept on the basis of which the claim is made that the entire course of history can be interpreted out of its diagnosis of time. Since then, it is always one's own particular time that is experienced as crisis. And reflection upon the particular temporal situation disposes one to both a knowledge of the entire past and a prognosis of the future.”

- HARTOG, François. O caso grego do *ktéma* ao *exemplum* passando pela “arqueologia”. In: **Os antigos, o passado e o presente**. Tradução de Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003, p.55-70.
- HORNBLOWER, Simon. **A commentary on Thucydides**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. Crisis. **Journal of the History of Ideas**, v. 67, n. 2, p.357-400, abr. 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Some Questions Regarding the Conceptual History of “Crisis”. In: **The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts**. Translated by Todd Samuel Presner and Others. Stanford: Stanford University Press, 2002, p.236-247.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Ninth Edition with Revised Supplement. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Les fondations du savoir historique**. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Problèmes d'historiographie ancienne et moderne**. Paris: Gallimard, 1983
- MORRIS, Charles D. **Commentary on Thucydides Book 1**. Boston: Ginn and Company, 1891. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/> Acesso em: Out/2017
- PARRY, Adam Milman. **ΛΟΓΟΣ and ΕΡΓΟΝ in Thucydides**. New Hampshire: Ayer Company, Publishers, 1981.
- PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. “Vida e Obra de Tucídides” e “Estrutura e Função do Livro I”. In: TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Livro I. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. IX-LV.
- ROMILLY, Jacqueline. **Histoire et raison chez Thucydide**. Paris : Les Belles Lettres, 1973.
- RÜFIGER GRAF, Konrad H. Jaraus. **“Crisis” in Contemporary History and Historiography**. Disponível em: [http://docupedia.de/zg/graf\\_jaraus\\_crisis\\_v1\\_en\\_2017](http://docupedia.de/zg/graf_jaraus_crisis_v1_en_2017) Acesso em : out/2017
- STARN, Randolph. Historians and “Crisis”. **Past & Present**, v. 52, n. 1, p.3-22, ago. 1971.
- THUCYDIDE. **La Guerre du Péloponnèse**. Livres I-VIII. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Livro I. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução, prefácio e notas de Raul M. Rosado e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.